

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
FILOLOGIA, SEMIOLOGIA  
E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE  
PARA A TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA

*Camillo Cavalcanti* (UESB)  
[camillo.cavalcanti@gmail.com](mailto:camillo.cavalcanti@gmail.com)

RESUMO

Esta conferência pretende desvelar um pensador velado num instrumentalista. O que se revela, pois, é a bipolaridade fundamental que ofuscou um pensamento superlativo pelo equacionismo insistente: complexa rede de abstrações engessada no mecanicismo positivista-estrutural. A ênfase recairá sobre as questões atinentes à teoria literária e à crítica. Nessa tensão gnosiológica, Ferdinand de Saussure deixou uma obra tão elevada quanto contraditória; expositiva e difícil; abrangente, porém confusa. Por trás do aparente rigor científico, subjaz o latente caos teórico, nas entrelinhas do *Curso de Linguística Geral* (1916) cuja autoria só se confirma plenamente à luz dos *Escritos de Linguística Geral* (1996). O primeiro ponto respeita à questão da linguagem; o segundo, à própria definição de literatura e estudos literários. Daí se desdobram o terceiro e o quarto pontos: a filologia como parte ou totalidade dos estudos literários e a semiologia como ciência geral do signo. As classificações (semas, relações, negativo) estão crivadas de méritos e deméritos: por um lado, a literariedade como fenômeno sógnico, harmonizando-se com as demais teorias linguísticas; afastando-se delas, por outro lado, a confusão de terminologias imprecisas e idiossincráticas. Advém o contrapeço ou sexto ponto (retornando ao início): literatura não ultrapassa a materialização verbal porque linguagem é apenas somatório ideal das línguas. Sem a construção do real como fundamento da linguagem, sobressai a pesquisa semântica: a significação e sua relação, de forma retroativa, com o signo. Os fenômenos semânticos resultam do fenômeno sógnico. Especificamente na dinâmica literária, são duplicadores de nível: a literatura utiliza a construção do real operada inicialmente pela palavra (primeiro nível) para a construção de um outro real (segundo nível) repetindo (mimetizando) o construir e o seu sentido, entretanto mediante nova operatividade capaz de produzir um espelhamento da linguagem.

Palavras-chave: Filologia. Semiologia. Crítica literária. Teoria literária. Saussure.

Esta conferência pretende desvelar um pensador velado num instrumentalista. O que se revela, pois, é a bipolaridade fundamental que ofuscou um pensamento superlativo pelo equacionismo insistente. A ênfase recairá sobre as questões atinentes à teoria literária e à crítica. Devido a tensões por que passa o país nesse ano, fui compelido a preservar e dizer a memória de alguns pontos do meu currículo, para desfazer mal-entendidos. Peço licença à ordem franciscana para, mesmo com meus três votos teológicos, possa expor algo que pareça vaidade.

Ontem mesmo consegui encontrar na Academia Brasileira de Letras o Prof. Eduardo Portella, da UFRJ, que me confirmou a carta branca que já me havia dado durante nossos dez anos de debate acadêmico.

O leitor pode perguntar: por que um crítico literário se animou a falar sobre Ferdinand de Saussure? De início, eu me considero filólogo em formação, mas, para suavizar controvérsias, utilizarei um pleonasmto estilístico: “filólogo da modernidade”. Depois, a inclusão é compromisso ético que assumi desde a infância, antes mesmo de existir esse conceito. De modo que o interesse em pluralizar, diversificar, ampliar o saber tem sido minha meta. Foi assim que recebi o convite do Prof. José Pereira, durante a cerimônia de professor emérito de Rosalvo do Valle, Maximiano de Carvalho e Silva e Carlos Eduardo Falcão Uchoa no teatro da UFF. Ao aceitar o convite, fui contemplado com a publicação do meu primeiro artigo independente, isto é, sem a coautoria da extraordinária Profa. Lucia Helena, que me ensinou a pesquisar e se constrangeu em ter que assinar um texto totalmente escrito por outro, mesmo sob sua orientação. Lembro como se fosse hoje os debates que tive de travar com o Prof. Pereira no VI CNLF para inserir um trabalho de crítica literária num evento de filologia. Consegui convencê-lo de que a crítica, como todas as especialidades de letras, deriva da filologia. A essa altura, eu ainda frequentava a Oficina Literária Ivan Proença, professor da UFRJ e capitão da guarda oficial do presidente João Goulart. Sua competência militar lhe impediu a morte na década de 1960. Outro dia lhe enviei minha dura crítica ao pai dele, Manoel Cavalcanti Proença, sobre o *Roteiro de Macunaima*. Ele me convidou para um reencontro acadêmico.

Falar de Ferdinand de Saussure, hoje, é relevante sob todos os aspectos. Ao invés da crítica gratuita e despreparada, perdida num sentido comezinho de evolução linear (que muito envaidece), a modernidade deveria reconhecer o esforço de um homem que dedicou a vida a organizar, formatar, cientificar o estudo sobre linguagem, língua e fala. Desse interesse incansável em sistematizar o caos, surge o que se chamou estruturalismo, embora seja, enquanto pioneiro, um protoestruturalismo, que se desenvolverá ao longo do século XX. A admiração por parte de todas as ciências humanas, foi retirando o morfema “proto” à medida que auxiliou o desenvolvimento do pensamento.

No campo de letras, Ferdinand de Saussure construiu, por um lado, complexa rede de abstrações, mas a engessou, por outro, no mecanicismo positivista-estrutural (quer dizer, protoestruturalista) de seu pensamento. Em meio a essa tensão gnosiológica, deixou uma obra tão ele-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

vada quanto contraditória; expositiva e difícil; abrangente, porém confusa. Por trás do aparente rigor científico, subjaz o latente caos teórico. Seu objeto de estudo ficou em aberto, nas entrelinhas de um *Curso de Linguística Geral* (1916), cuja estilística confirmativa de sua escritura só foi possível após virem a público os *Escritos de Linguística Geral* (1996).

A partir destes velhos manuscritos (porém novos quanto à publicidade e à recepção), o pensamento de Ferdinand de Saussure se mostra contraditório nas bases, o que não se devia à polifonia dos alunos e compiladores.

Partindo-se pelo âmbito geral, o primeiro ponto diz respeito à questão da linguagem; e o segundo, à própria definição de literatura e estudos literários. Daí se desdobram o terceiro e o quarto pontos: a filologia como parte ou totalidade dos estudos literários e a semiologia como ciência geral do signo (a semiologia confere todos os sistemas de signos, inclusive o literário, o qual Ferdinand de Saussure considera diferenciado da língua, porém conexo, tal a escrita se diferencia da língua, atividade exclusivamente oral).

Depois, no âmbito propriamente do literário, o quinto ponto incide sobre o funcionamento do signo para, dentro dele, determinar a especificidade da dinâmica literária. Para tanto, Ferdinand de Saussure elabora propostas normativas ou classificações (p. ex., semas e relações) entre méritos e deméritos: por um lado, a contribuição para o entendimento da literariedade como fenômeno sógnico, harmonizando-se com as demais teorias linguísticas; afastando-se delas, por outro lado, a confusão nas indefinições e idiosincrasias no uso de terminologias. Assim, o quinto ponto recebe o contrapeso do sexto ponto: para Ferdinand de Saussure, a literatura não ultrapassa a materialização verbal porque a linguagem é somente somatório ideal das línguas. Sem a construção do real como fundamento da linguagem, sobressai a pesquisa semântica, isto é, a significação e sua relação, de forma retroativa, com o signo.

Ferdinand de Saussure se contradiz ao igualar fenômeno sógnico (com apoio seja na teoria abstrata dos semas ou na semiologia) e fenômeno social (com apoio seja na relação com o “fato de linguagem”, seja na interatividade com a “figura vocal”). Possuindo extensão (em paradoxo com sua natureza abstráida da matéria vocal), a língua é um objeto factível, e a linguagem se reduz à língua (porque assim se manifesta) e à fala (porque se reclina sobre todos os discursos). A literatura caiu nas contradições de Ferdinand de Saussure: primeiro é signo verbal e, portan-

to, integra língua, mas depois é parte da escrita, tratada estranhamente como outro sistema diferente da língua. Assim, o quinto ponto (percepção do funcionamento do signo para dentro dele determinar a especificidade da dinâmica literária) recebe o contrapeso do sexto ponto (percepção que recusa a construção do real como fundamento da linguagem, embora alardeie a semântica, isto é, a significação e sua relação, de forma retroativa, com o signo). Os fenômenos semânticos são apenas resultados do fenômeno sígnico. Especificamente na dinâmica literária, são duplicadores de nível: a literatura utiliza a construção do real operada inicialmente pela palavra (primeiro nível) para a construção de um outro real (segundo nível) repetindo (mimetizando) o construir e o seu sentido, entretanto mediante nova operatividade capaz de produzir um espelhamento da linguagem. Ferdinand de Saussure parece perder a amplitude das questões da linguagem, da língua e do signo pelo materialismo necessário à visão estrutural.

Antes de adentrarmos a teoria saussuriana sobre o literário, eis que um ponto sobressai desde o campo geral da linguística: a questão da linguagem. Ferdinand de Saussure estabelece uma definição orientada pelo reducionismo formalizante: a linguagem passa a ser a estrutura (o “frame”), agora visto tanto primeiramente como sistema quanto depois como fechamento, limite, finitude. A linguagem, então, é pensada como conjunto finito: mas de quê? Signos. Mas por quê? Porque formam um interessante código humano, porquanto, ao longo do século XX, linguagem começa a ser confundida com capacidade física (cordas vocais) e ou mental (cognição). Ferdinand de Saussure insiste que o signo é um fenômeno de natureza divergente da matéria vocal e do pensamento, porém mediador entre ambos. Depois, num segundo momento, a linguagem é limitada, excluindo outras situações (surdos, mudos) e outros códigos (a linguagem só é “frame” *in abstracto* das línguas, de vez que a linguagem não tem relação com gestos, apitos, sistemas de trânsito, ou seja, nenhum outro código, nem mesmo a escrita)

a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas (SAUSSURE, 1971, p. 24)

O mestre de Genebra concebia a linguística como disciplina que estuda um fenômeno para além da instância verbal: o signo, formado de significante e significado, é extraído da matéria fônica, através de uma “imagem acústica”, a que corresponde uma imagem conceitual. Este é o primeiro nível de abstração. De tal modo que a fala, encarada como dis-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

posição organizada de signos, também habita esse mesmo nível abstrato, pelo significante, jamais pelo som: a fonética para Ferdinand de Saussure é um estudo fora da língua. A partir daqui, a língua se apresenta como um segundo nível de abstração; e a linguagem, um terceiro nível. Ferdinand de Saussure, porém, conserva o caráter material de sua abordagem, abraçando inteiramente até mesmo a linguagem como reificação, mas não pelo sentido venal, e sim pelo sentido de coisificação, quer dizer, se manifesta como coisa: e eis que surge o tal “fato da linguagem”, para o qual o linguista nunca ofereceu uma definição completa, mas apenas caracterizações esparsas aqui e ali, dizendo-lhe alguns atributos, sem, no entanto, considerá-lo no âmago. Em outras palavras, o *Curso de Linguística Geral* e os *Escritos de Linguística Geral* carecem de precisão ao definir o que seja fato de linguagem, mas utilizam essa caracterização, tipologia ou nomenclatura para se referir à linguagem: a linguagem para Ferdinand de Saussure é um fato, pois a linguagem é, por um lado abstraída da língua em suas especificidades para restar numa espécie de gramática universal, um “frame” universal do qual as línguas não seriam mais que manifestações; por outro, a linguagem é um fato assim como as línguas são, cada qual, um fato. Porém esse “frame” universal já é preenchido desde tempos remotos, demonstrando, ainda segundo Ferdinand de Saussure, que a linguagem, manifesta em diversas línguas, é a língua do homem, e somente o fato de mudar é que diferencia os termos língua (a linguagem considerada como positividade nas e pelas línguas ou *in praesentia*) e linguagem (a língua considerada em geral ou *in abstracto*)

Os primeiros capítulos do *Curso de Linguística Geral* pretendem delimitar o objeto da linguística, todavia as questões enredam um labirinto indecifrável, que muito diz em outras palavras o que se quis silenciado.

A matéria da linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...], considerando-se em cada período [...] todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. A tarefa da linguística será: a) fazer a descrição e a história de todas as línguas [...] fazer a história das famílias de línguas e reconstruir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo [...] e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 1971, p. 13)

Como estudar todas as manifestações da linguagem humana se ela, a linguagem, escapa à observação? Tentando contornar o problema, Ferdinand de Saussure afirma que a matéria, agora, são os textos escritos.

Porém, ao longo do *Curso de Linguística Geral*, encontra-se a estranha diferença entre fala e escrita:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita (p. 24)

Língua e escrita são dois sistemas distintos (p. 34)

A língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita (p. 35)

Com estudar os textos escritos, o objeto da linguística não mais se constitui em todas as manifestações da linguagem. É uma contradição para o próprio linguista de Genebra, pois a língua “lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem” (SAUSSURE, 1971, p. 17) ou então: “a língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta” (SAUSSURE, 1971, p. 23). Corolário é a distinção que ele reconhece entre *langue* e *parole*.

Afinal, qual o objeto de estudo da linguística? Língua (*langue*) ou textos escritos (*parole*)? Ou será a linguagem? Ferdinand de Saussure sempre teve dificuldades para definir o que é linguagem, caracterizando-a de maneiras conflituosas. Por vezes entendia a linguagem como abstração das línguas: a operatividade subjacente a todas as línguas (é o caso dessa citação). Ora, se a matéria da linguística são todas as manifestações da linguagem, e a tarefa da linguística é descrever, historiar e analisar todas as línguas, nada mais justo dizer que a tarefa explora a matéria, daí todas as línguas são manifestações da linguagem. Em outras palavras, as línguas seriam positavações sistêmicas de um sistema pressuposto (a linguagem), assim como as falas são positavações da língua. Sob este ponto de vista, a linguagem se aproxima do objeto da gramática universal, em busca de um sistema ou código comum cuja operacionalidade reuniria as diferentes línguas, mas cujas diferenças, por mero acaso de época ou lugar, dariam apenas uma coloração específica à linguagem, porque a estariam determinando num espaço-tempo.

Outras vezes, Ferdinand de Saussure encarava como manifestações da linguagem também as falas. Está enunciado nessa mesma citação: “não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão”. Tal entendimento é reafirmado adiante: “o ato individual, que não é senão o embrião da linguagem” (SAUSSURE, 1971, p. 21). Eis a definição mais difundida na área de letras, com apoio em duas citações ao *Curso de Linguística Geral*: “a língua para nós é a linguagem menos a fala” (SAUSSURE, 1971, p. 92) e um esquema abaixo transposto:

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

linguagem      língua      sincronia  
                     fala         diacronia

(SAUSSURE, 1971, p. 115)

Essa visão saussuriana gerou a seguinte fórmula: linguagem = língua + fala. Em várias partes do *Curso de Linguística Geral*, tal concepção é ratificada, implícita ou explicitamente. Dois exemplos claros:

A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. (SAUSSURE, 1971, p. 16)

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica. (SAUSSURE, 1971, p. 27)

Tal positivismo compartimentalista é predominante na exposição do *Curso de Linguística Geral*. As contradições se multiplicam: “Não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem”. (SAUSSURE, 1971, p. 18).

No entanto, Ferdinand de Saussure parece desconfiar que a linguagem ultrapassa a mera soma entre língua e fala, justamente nestas passagens:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 1971, p. 17)

Não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de construir uma língua (SAUSSURE, 1971, p. 18)

A língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é. (SAUSSURE, 1971, p. 23)

Aliás, se o conjunto (linguagem) composto de língua e fala for elevada à alta reflexão, será inevitável a conclusão de que o sistema semiológico (língua), encarado na sua operatividade dinâmica e incessante, cria expressões (fala) que elaboram e exprimem a leitura de mundo do sujeito. Como o acesso do indivíduo ao mundo se dá necessária e exclusivamente pela interposição de signos, o homem habita a linguagem, como disse Martin Heidegger (1967, p. 24): “a linguagem é a casa do Ser.

Em sua habitação mora o homem”. Tal citação é largamente conhecida, mas outra não menos importante é assinada por Walter Benjamin, o eterno pesquisador do haxixe:

*Pero el ser del lenguaje no sólo se extiende sobre todos los ámbitos de la expresión espiritual del hombre, de alguna manera siempre inmanente en el lenguaje, sino que se extiende sobre todo. No existe evento o cosa, tanto en la naturaleza viva como en la inanimada, que no tenga, de alguna forma, participación en el lenguaje, ya que está en la naturaleza de todas ellas comunicar su contenido espiritual.* (BENJAMIN, 2011, p. 63)

Ferdinand de Saussure, fora do *Curso de Linguística Geral*, tangencia a questão da linguagem nos *Escritos de Linguística Geral*, por uma concepção superlativa: "Ora, o fenômeno primordial da linguagem é a associação de um pensamento a um signo; e é justamente esse fato primordial que é suprimido na transmissão do signo". (SAUSSURE, 2012, p. 46)

O pensamento de Ferdinand de Saussure sobre a linguagem chega ao clímax nesse ponto: ele consegue vislumbrar a pluridimensionalidade da linguagem desde o pensamento ao ato, mas restringe sua abordagem ao âmbito da língua e da fala. Considerando, porém, a morte do linguista genebrino em 1913 e a escrita do trecho benjaminiano em 1916, o pensamento de Ferdinand de Saussure sobre a linguagem, freado pelas contingências da virada do século, consistiu pródromo ou rudimento da abertura conceitual mais tarde realizada por Walter Benjamin e Martin Heidegger.

O objeto do *Curso de Linguística Geral* ministrado por Ferdinand de Saussure foi a linguagem, definida pela equação (língua + fala). O mestre de Genebra procurou compreendê-la nos limites semiológicos, encarando a relação entre pensamento e signo, mas se perdeu nas vicissitudes positivistas.

Para a teoria literária e a crítica, a definição máxima de linguagem é imprescindível: dela depende o entendimento da literatura como construção, dinâmica e habitação. A linguagem instaura a realidade, de modo que tal estatuto o literário utiliza em plenitude.

O segundo ponto que Ferdinand de Saussure aborda, pertinente à teoria literária e à crítica, diz respeito à filologia. Seu espectro depende da definição aplicada. Numa primeira interpretação, a filologia é uma proposta de estudo da literatura. Num outro entendimento, a filologia constituiria trabalhos auxiliares à leitura do texto, como ecdótica, crítica



## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

textual, paleografia, crítica genética, etc. Quando é preciso decidir por uma ou outra acepção, Ferdinand de Saussure circula entre as possibilidades, o que prejudica seu trabalho naquilo que tem de estrutural, mas sugere sua propensão à pluralidade. O pensador e o instrumentalista continuam disputando o texto saussuriano.

Ferdinand de Saussure, como moderno fundador da linguística, isto é, a linguística geral, deixou a filologia perdida entre a primeira e a segunda noções. Já nas primeiras linhas do *Curso de Linguística Geral*, ele expõe um pensamento bastante positivista, marcado por uma ideia de progressismo linear:

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.

Começou-se por fazer o que se chamava de “gramática”. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.

A seguir, apareceu a filologia. Já em Alexandria havia uma escola “filológica”, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das intuições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas preparam a linguística histórica: os trabalhos de Ritschl acerca de Plauto podem ser chamados linguísticos, mas nesse domínio a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente. [...]

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da “gramática comparada. (SAUSSURE, 1971, p. 7-8)

A questão da filologia já foi abordada por muitos teóricos e linguistas, todavia sem resposta satisfatória. É certo que a filologia abrange todos os setores da área de letras, como espécie de atividade-mãe, uma abordagem interdisciplinar e antiga, antes da compartimentação do saber pelo excesso tecnocrático. O filólogo se incumbia de estudar os diversos aspectos de um texto, desde a parte material até os meandros da signifi-

cação. Uma breve estilometria do trecho citado esclarece a ideologia vigente no enunciado.

A começar, “ciência”, “fatos da língua”, “fases sucessivas”, “verdadeiro e único objeto” dizem muito mais que a superfície do texto transmite de imediato: estes termos demonstram, logo no primeiro parágrafo do curso, o interesse pelo método científico, a sede de objetivismo, o apego ao progressismo e a insistência na presunção. As três fases por que passou o campo de estudo das línguas e seus usos, para Ferdinand de Saussure, foram incompletas e equivocadas, e o enunciado, mais uma vez, delata certa paixão: somente a linguística, depois dos três fracassos, percebeu o “verdadeiro e único objeto”.

Em seguida, o linguista genebrino, sob o disfarce da descrição objetiva, expõe seus juízos de valor, em geral depreciativos. No caso da gramática, “inaugurado pelos gregos” parece, ao lado dos outros desabonos, conferir um estado obsoleto; “desprovido de qualquer visão científica” e “desinteressada da própria língua” de tão claras dispensam explicações, “afastada da pura observação” desqualifica a gramática face à presunção de cientificidade e objetividade.

Finalmente, Ferdinand de Saussure avalia a filologia e o que ele chama de “gramática comparada” (este último tópico não interessa diretamente a este trabalho). Ele não atacou a filologia tanto quanto a gramática, talvez por conter sua paixão diante de Alexandria, mas quis igualmente desqualificar a filologia para entronar a linguística, alegando que nem todos os trabalhos filológicos devem ser considerados linguísticos, “aliás a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente”, isto é, não vale quase nada a filologia dos vernáculos, sendo estes o hábito de todo o Ocidente até hoje.

Esse entendimento saussuriano a respeito da filologia, talvez por figurar logo na primeira página, é a mais conhecida definição da matéria. Felizmente, trata-se de uma definição abrangente, fazendo jus à complexidade do campo do saber que originou todo o curso de letras.

No entanto, as contradições que cercam a epistemologia na obra de Ferdinand de Saussure impactam também na formulação do conceito de filologia. Nos *Escritos de Linguística Geral*, existem várias outras definições, às vezes conflituosas:

O estudo de uma literatura, do ponto de vista propriamente literário, é para todo mundo, bastante distante dos estudos auxiliares que a ele se ligam, com um caráter mais técnico, e que são o campo de atividade especial do filó-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

logo, como, entre outros, a crítica de manuscritos e de edições, a paleografia e a epigrafia, a explicação (hermenêutica) dos autores, a lexicografia, a gramática, a métrica de obras versificadas etc. o filólogo poderá ainda, se for o caso, se tornar momentaneamente arqueólogo, jurista, geógrafo, historiador, mitólogo, etc., ocupando-se, geralmente, de tudo o que contribui, de perto ou de longe, para a melhor compreensão do espírito ou da letra dos autores. (SAUSSURE, 2012, p. 152)

Agora, o estudo de uma literatura não é mais pela filologia, que se tornou “estudos auxiliares”. O corolário surge logo à frente: “qualquer um percebe o lugar que cabe legitimamente aos estudos filológicos assim como os separa dos estudos puramente literários”. (SAUSSURE, 2012, p. 152)

Enfrentando toda a dificuldade de tratar um conceito tão amplo, Ferdinand de Saussure, no mesmo manuscrito, volta a fundir filologia e estudos literários: “Na realidade, é tão pouca a tentação de confundir os que se faz necessário lembrar que são apenas um, em última análise, sendo que a filologia não passa de um vasto comentário que se apõe a uma literatura”. (SAUSSURE, 2012, p. 152)

O terceiro ponto, estudado por Ferdinand de Saussure, que concerne à teoria literária e à crítica tem relevância muito maior: é o estudo do sentido, pela semiologia ou pela semântica.

A respeito da semiologia Ferdinand de Saussure propugnava no *Curso de Linguística Geral*:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; chamá-la-emos de semiologia. Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. [...] A linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 2012, p. 24)

Nos *Escritos de Linguística Geral*, o vetusto linguista acrescenta:

I. [...]

II. Domínio linguístico do signo vocal (Semiologia): nele também é inútil querer considerar a ideia fora do signo e o signo fora da ideia. Esse domínio é, ao mesmo tempo, o do pensamento relativo, da figura vocal relativa e da relação entre os dois. (SAUSSURE, 2012, p. 43)

III. [...]

Ainda nesse texto, Ferdinand de Saussure decide esclarecer os tópicos apresentados. Sobre a semiologia, expõe:

II. Domínio linguístico do pensamento, que se torna IDEIA NO SIGNO, ou da figura vocal, que se torna SIGNO NA IDEIA: o que não é duas coisas, mas uma, contrariamente ao primeiro erro fundamental. É também, literalmente verdadeiro dizer que a palavra é o signo da ideia e dizer que a ideia é o signo da palavra; ela o é a cada instante, já que não é possível, sem ela, nem mesmo fixar e limitar materialmente uma palavra na frase. (SAUSSURE, 2012, p. 44)

E depois finaliza com um dos trechos mais fundamentais de sua doutrina e da repercussão em toda a área de letras até hoje:

A distinção fundamental e única, em linguística, depende, então, de saber:

– se é considerado um signo ou uma figura vocal como signo (Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., sendo o todo inseparável), o que implica diretamente quatro termos irredutíveis e três relações entre esses quatro termos, sendo que as três devem ser, além disso, transportadas pelo pensamento na consciência do sujeito falante;

– ou se é considerado um signo ou uma figura vocal como figura vocal (fonética) [...] (SAUSSURE, 2012, p. 44)

Foi preciso esperar por um Roland Barthes para desenvolver a semiologia à altura de sua tarefa, desfazendo a sinonímia saussuriana com a filologia. A semiologia de Barthes abriu as condições para a análise de/do discurso.

Percebe-se, gradativamente, que a ciência geral dos signos é a ciência dos signos em geral. Neste ponto, Ferdinand de Saussure antecipa até mesmo Roland Barthes:

Discutiu-se para saber se a linguística pertenceria à ordem das ciências naturais ou das ciências históricas. Ela não pertence a nenhuma das duas, mas a um compartimento de ciências que, se não existe, deveria existir sob o nome de semiologia, ou seja, ciência dos signos ou estudo do que se produz quando o homem procura exprimir seu pensamento por meio de uma convenção necessária. (SAUSSURE, 2012, p. 223)

Estudar todos os sistemas de signos é tarefa da semiologia, por isso a linguística é apenas uma parte dessa “ciência geral dos signos em geral”. Ela pertence à psicologia porque para Ferdinand de Saussure o signo é fenômeno da consciência, pois a partir do som a imagem acústica (significante) já é uma abstração.

Ferdinand de Saussure chega a usar o termo “semiologia linguística” (*Escritos de Linguística Geral*, p. 100), que, em seu ponto de vista, é o setor da ciência geral dos signos particularizada no signo verbal. Como pode o signo ser a mesmo tempo da consciência e produto social?

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Considerado, então, dentro da semiologia, o signo inseparável da significação, o entendimento de Ferdinand de Saussure sobre o que é significação ganha relevo para o desenvolvimento da teoria literária e da crítica.

Após toda essa controvérsia epistemológica a respeito do que venham a ser “linguística”, “filologia” e “semiologia”, Ferdinand de Saussure, no âmbito do entendimento conceitual, começa a se mostrar mais produtivo no estudo sobre a significação, entendida como relação entre significante e significado. Das suas propostas, destacam-se as “relações associativas”, mais tarde conhecidas como paradigmas:

AS RELAÇÕES ASSOCIATIVAS. Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. Assim, em *enseignement, enseigner, enseignons* etc. (*ensino, ensinar, ensinemos*), há um elemento comum a todos os termos, o radical; todavia, a palavra *enseignement* (ou *ensino*) se pode achar implicada numa série baseada em outro elemento comum, o sufixo (cf. *enseignement, armement, changement* etc.; *ensinamento, armamento, desfiguramento* etc.); a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (*ensino, instrução, aprendizagem, educação* etc.) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (por exemplo *enseignement* e *justement*, ou *ensinamento* e *lento*). Por conseguinte, existe tanto comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade de forma ou de sentido somente. (SAUSSURE, 1971, p. 145-146)

A substituição terminológica – de “relações associativas” para “paradigmas” - foi reconhecida tanto no Brasil como na França:

PARADIGMA - Conjunto de formas linguísticas que se associam por um traço linguístico permanente, que é o denominador comum de todas elas. Na base desse traço estabelecem-se as correlações e as oposições entre os membros do paradigma (v. oposição): as formas, “oferecendo qualquer coisa de comum, se associam na memória e assim se constituem grupos, dentro dos quais reinam relações, que podem ser das mais diversas” (Saussure, 1922, 171). (CÂMARA Jr., 1968, p. 272-273)

Paradigma [definição] 2. Em linguística moderna, o paradigma é constituído pelo conjunto de unidades que mantêm entre si uma relação virtual de substituíbilidade. F. Saussure ressalta, sobretudo, o caráter virtual desses paradigmas. Com efeito, a realização de um termo (= sua formalização no enunciado) exclui a realização concomitante dos outros termos. Ao lado das relações *in praesentia* (v. sintagma, relações sintagmáticas), os fenômenos da língua implicam igualmente relações *in absentia*, virtuais. Dir-se-á, então, que as unidades *a, b, c, ... n* pertencem ao mesmo paradigma se elas são susceptíveis de substituir umas às outras num mesmo quadro típico (sintagma, frase, morfema). (DUBOIS, 1993, p. 452-453)

O estabelecimento de paradigmas é essencial para a análise literária, pois, em seu caráter sógnico, a literatura possui uma dinâmica articulada pelos meandros da significação.

É muito interessante, neste ponto, a noção saussuriana de “negativo”, pois através dela é que se coordenam as relações associativas/paradigmáticas. A língua, para Ferdinand de Saussure, é fundamentada em diferenças. Ele chega mesmo a dizer que “não há na língua, nem signos, nem significações, mas diferenças de signos e diferenças de significações”, “tudo é negativo na língua. (*Escritos de Linguística Geral*, 2012, p. 65)

O conceito de negatividade permite maior flexibilidade ao signo, de sorte que subsiste mais dinâmico. Concebendo o signo de maneira elástica, o linguista não aceita a oposição entre sentido próprio e sentido figurado. O exemplo que ele levanta é a frase “uma pessoa é o sol da existência da outra” (*Escritos de Linguística Geral*, 2012, p. 67). Observe-se que se trata aqui de um comportamento sógnico característico da literatura.

O mestre do *Curso de Linguística Geral* argumenta que se houvesse uma palavra para expressar a especificidade da palavra “sol”, como empregada na frase, ela a substituiria e toda a frase voltaria ao nível da denotação. Ora, mas acontece que o texto literário apresenta essas conotações porque explora ao máximo a língua, denunciando suas limitações e a necessidade de criativamente transpassá-los mediante perturbações semânticas. (PORTELLA, 1974)

De todo o modo, é preciso esclarecer o ponto de vista de Ferdinand de Saussure: o signo não se restringe ao sentido próprio, mas contém já em si, pelo menos potencialmente, o sentido figurado que em certas frases aparecem. É claro, não obstante, que a distinção entre conotação e denotação é, ao contrário do que Ferdinand de Saussure pensa, pertinente e diz respeito ao entendimento da contextualização específica que o signo ganha em cada frase.

Ferdinand de Saussure entende que o fato de se poder dizer “o sol da existência de outra pessoa” (*passim*) tem por base o caráter negativo do signo, isto é, a diferença que ele estabelece com outros signos como “lua” e “sombra”, marcando, então, todo um sistema de oposições que organiza a língua. A confirmação desse pensamento vem através de outro exemplo: “o suplício de usar luvas muito apertadas” (*Escritos de Linguística Geral*, 2012, p. 73). O linguista de Genebra ratifica sua posição:

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

“não é a ideia positiva contida em suplício ou martírio, mas o fato negativo de sua oposição, que estabelece toda a série de seus empregos, permitindo qualquer emprego, contanto que não invada o domínio vizinho”. (SAUSSURE, 1971, p. 73)

Por mais que seu pensamento demonstre coerência em vários aspectos, controverteu-se ao desconsiderar o emprego de uma palavra em sentido figurado já invade o domínio vizinho, qual seja, o das palavras cognatas (mesmo cognatos, são dois, porque, de alguma forma, preservam a diferença, o negativo ou a oposição). Sobre a problemática dos sinônimos, ainda não tenho opinião.

O objetivo central da crítica é promover uma leitura do texto literário, isto é, um entendimento da complexa mensagem literária. Para tanto, é necessário organizar em paradigmas os conteúdos, pelo que apresentam de semelhanças e diferenças. A análise literária tem por base, então, os aspectos semânticos, que se revelam etapa preliminar para o entendimento da obra literária.

Recentemente, Evanildo Bechara prosseguiu as constantes atualizações e revisões de sua *Moderna Gramática Portuguesa*. Tive o privilégio de conhecê-lo nas edições anteriores deste congresso, quando lhe pedi fizesse a revisão das “orações declarativas”. Com sua humildade e excelência acadêmica, ele fez muito mais. Um trecho de sua gramática corrobora a importância que conferi aos conteúdos, o que implica o próprio entendimento humano:

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: criatividade (ou *enérgeia*), materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade. [...] Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico. (BECHARA, 2009)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

BENJAMIN, Walter. *Illuminaciones IV*. Trad.: Roberto Blatt. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2011

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: Ozon, 1968.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

PORTELLA, Eduardo. *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

\_\_\_\_\_. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.